

A força indígena n



ORIB ZIEDSON

DAROURA

Time de futebol com a placa indicativa da sua comunidade

O maior campeonato indígena de futebol do mundo acontece no estado com a menor população do país, Roraima. A 70 km da capital Boa Vista, na comunidade de Vista Alegre, localizada na Reserva Indígena de São Marcos – composta por índios Macuxi – a terceira versão do campeonato inter-tribal do estado foi aberta no início de dezembro em clima de muita festa. Sob um sol de 39 graus centígrados, depois de mais de oito horas de preparação, índios de quatro etnias celebraram o esporte mais popular do Brasil: o futebol.

Dança de cunhã poranga, de pajé e de Amazonas festejaram o esporte adotado pelos indígenas, que ainda contou com o desfile de dez dos 112 times que participam da competição, torcida organizada e até coquetel com comidas típicas. Tudo, menos o futebol.

Isso mesmo. Na abertura do Campeonato Indígena de Futebol nem um chute foi dado, ninguém entrou em campo, nenhuma bola rolou. Quem foi lá esperando assistir ao torneio logo de início perdeu a viagem. Jogos mesmo só nos outros três dias do evento e nas próximas fases que vão até o dia 19 de abril de 2000. De uma fase para outra, ocorrem intervalos de quase um mês que dão tempo para a comissão organizadora preparar a estrutura e aumentar a expectativa dos jogadores.

As sete fases do Campeonato acontecem em lugares diferentes e quase sempre distantes ou de difícil acesso. São pequenas Vilas ou municípios recém-criados, sem estrutura pronta para receber em média 264 atletas, cerca de 50 pessoas da organização e arbitragem, além de convidados e visitantes. Não é à toa que o evento é o maior do gênero. O tama-

nho às vezes atrapalha e algumas deficiências na organização acabam acontecendo. Mas, quem precisa de muitos cuidados ou preparos? Só os visitantes.

Para os jogadores indígenas basta um campo demarcado, uma bola, a equipe de arbitragem e os times. Pronto, está completo o cenário. O campo também não precisa ter gramado cheio – nenhum deles tem sequer uma fileira de grama. Os equipamentos também não precisam ser testados. Essa coisa de testar chuteira, se adaptar com a caneleira... Isso também não acontece. Aliás, para que usar chuteiras? Muitos preferem correr e chutar descalços.

Com tanta disposição, um fato causa admiração: as faltas em campo são raras. Segundo o coordenador do evento, Warloman Barbosa, no ano passado aconteceram apenas duas expulsões em 186

no país do futebol

ORIB ZIEDSON

jogos realizados pelo campeonato. Os índios, mais civilizados que nossos jogadores supostamente civilizados, fizeram do esporte o principal passatempo nas horas vagas. "É melhor praticar esporte do que estar bebendo por aí", disse o macuxi Paulo Tito Silva.

Paulo, 33 anos, é zagueiro do time Três Corações. Segundo ele, o tempo livre na sua comunidade é grande. Durante a tarde, a principal diversão é o futebol. O que é motivo de festa para muitos, para outros não é bem-vindo. É o caso do presidente do Conselho Indígena de Roraima - CIR, Gerônimo Pereira da Silva, que reclama do uso indiscriminado de bebida alcoólica e do cunho político do Campeonato. "Eu sou contra, principalmente contra a bebedeira que o campeonato traz", disse.

Segundo ele, uma outra preocupação é a evasão de adolescentes índios causada pelo evento. De acordo com Gerôni-

mo, empolgados com o futebol e a possibilidade de uma carreira como jogador, os índios deixam casa e família e mudam-se para cidade. Na capital, sem dinheiro, moram em bairros da periferia e trabalham em serviços quase sempre braçais e somam-se à população de carentes.

O governador Neudo Campos, realizador do evento, rebate as críticas dizendo que durante

o Campeonato é proibido venda e consumo de bebidas alcoólicas. Ele diz que "o CIR critica toda e qualquer iniciativa por



O campeonato vai reunir mais de dois mil atletas índios

parte do governo do estado". Para Campos o que importa "é a satisfação das comunidades indígenas".

O JOGO DE FUTEBOL ENTRE OS PEONÁS - POR JEFFERSON JUREMA E RUI GARCIA

A comunidade Santo Atanásio fica distante 1.350 Km de Manaus e está próxima à cidade de Iauaretê. Lá é o reduto dos índios Peonás, uma vertente étnica dos Makús, que tem no futebol sua expressão lúdica-ritual. O futebol é uma modalidade esportiva praticada pela maioria dos brasileiros. Os índios da região do alto Rio Negro não são exceção. No entanto, o jogo praticado entre eles têm várias particularidades. O que dizer de um time de futebol sem número determinado de jogadores que quando enfrentam um convidado de outra comunidade, sempre perde a partida? O que dizer do time que quando joga contra membros da mesma comunidade busca sempre o empate? Parece estranho que haja jogos de futebol com essas características, pois estamos acostumados a ver sempre um resultado numa disputa acirrada, mesmo que o jogo tenha aspecto somente recreativo.

Numa primeira vista, o jogo de futebol dessa tribo indígena parece não ter nada da arte que vemos nos jogos da seleção brasi-

leira ou mesmo da malícia encontrada nas peladas de fim de semana. Como os índios Peonás vivem na lógica da selva, tendo liberdade de ação e obedecendo literalmente a função mitológica que lhes cumpre, é comum brincarem sempre com o objetivo de re-criar seu mundo. Para nós a função do lúdico encontrada no jogo é algo muito além do que o simples ato mecânico de chutar uma bola ou fazer um gol.

Os Peonás são considerados os mais primitivos dos habitantes daquela região, sendo uma característica bastante peculiar, o seu modo de andar quando estão na cidade, pois caminham como se estivessem dando passos dentro de uma selva íngreme. Essa é uma qualidade que difere esses índios dos outros. Outro aspecto, é o fato deles não serem afeitos com números, gêneros e graus e expressam isso no jogo de futebol. O jogo obedece a certas regras do futebol moderno que são adaptadas à vida primitiva. O número de jogadores em campo é algo não relevante, pois jogam quantos elementos da comunidade estejam pre-

sente no acontecimento. A idade e o sexo são variáveis desconsideradas. Num mesmo time há um verdadeiro encontro de pessoas e de idades, são homens, mulheres, jovens, crianças e velhos, todos com mesma função: jogar o futebol.

O tempo de realização de uma partida é espetacular. O jogo começa, por exemplo, no meio da tarde e só termina pela noite. A bola pode ser qualquer representação daquela encontrada no futebol moderno, o importante é o acontecimento. As funções de ataque e defesa e posição em campo não obedecem critério algum, sendo essa regra determinada pela vontade "bem natural" inerente ao Peoná. As substituições acontecem a qualquer momento do jogo e é comum ver-se entrar vários jogadores em campo e não sair ninguém da peleja. O jogo assemelha-se a uma dança, onde eles expressam grande alegria em estar realizando aquela atividade. A cada jogada, eles cantam, brincam, riem e dançam. O jogo tem muito mais sentido de festa do que uma competição.